

Povos indígenas e comunicação pelo equívoco: as relações no âmbito das traduções de mundos realizadas por comunicadores indígenas¹

Jade Iasmin da Silva²

Lara Linhalis Guimarães³

Rayan Augusto Martin⁴

Resumo expandido

A presente pesquisa parte da migração de epistemologias ocidentais para pensar as traduções de mundos postas em movimento nos processos comunicativos contemporâneos, a fim de examinar novas camadas constituintes nas relações com a diferença. A cosmovisão de povos indígenas amazônicos é referência nesse exercício. São fundamentais a Teoria do Perspectivismo Ameríndio e da ideia de equívoco (VIVEIROS DE CASTRO, 2002); os escritos de Davi Kopenawa (2015), Ailton Krenak (2019) e Aparecida Vilaça (2000); e a ideia de uma comunicação pelo equívoco (GUIMARÃES e LAIA, 2022).

Este recorte de pesquisa está inserido dentro de um campo de investigação sobre tecnologias ancestrais de comunicação, como o xamanismo; e iniciativas em comunicação midiática desenvolvidas por indígenas, especialmente aquelas que buscam “inventar” (WAGNER, 2010) um outro jornalismo possível. A partir desta perspectiva, pistas do que “significa tornar-se outro” (VILAÇA, 2000) foram acionadas ao se considerar o ponto de vista de comunicadores indígenas (entendidos, aqui, como tradutores de mundos). A fim de

¹ Trabalho apresentado no painel temático 16 Cosmovisões indígenas, povos tradicionais e apropriação tecnológica do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 27 de novembro a 01 de dezembro de 2023.

² Estudantes de Jornalismo, UFOP e jade.iasmin@aluno.ufop.edu.br.

³ Doutora, UFOP, lara.guimaraes@ufop.edu.br

⁴ Estudante de Jornalismo, UFOP e rayan.martin@aluno.ufop.edu.br

cartografar algumas dessas experiências com a diferença, foi proposta a realização de uma segunda temporada do Podcast Parabolicamará⁵, espaço de produção de conhecimento sobre os processos comunicativos a partir da cosmovisão ameríndia. A pergunta norteadora para o desenvolvimento desta nova temporada faz referência ao título de um artigo da antropóloga Aparecida Vilaça (2000): o que significa tornar-se outro?⁶.

Considerando uma virada ontológica⁷, esses deslocamentos de mundos, assim como a dimensão da preocupação com o outro (o que chamamos de “ética”), no geral, não se restringem ao que convencionamos chamar de humanidade, baseados numa concepção moderna ocidental do termo. O outro (ou, a diferença) implicado em um dilema ético é ampliado a uma quantidade sem nome de seres, os quais fazem parte de uma espécie de “humanidade moral” (VIVEIROS DE CASTRO, 2015).

Assim o é quando os xamãs assumem outros corpos no movimento de tradução transespecífica. A narrativa desse deslocamento é comunicada ao restante da aldeia através do corpo-linguagem, num exercício radical de alteridade. É a partir desse modo muito específico de existência onde a relação é propulsora de processos de subjetivação que Viveiros de Castro desenha a ideia de equívoco. “O perspectivismo indígena é a teoria do equívoco, ou seja, da alteridade referencial entre conceitos homônimos. O equívoco aparece aqui como o modo de comunicação por excelência entre diferentes posições de perspectiva.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2004, p.5). Por essa via, não é a compreensão, o consenso ou a ordem qualificadores de processos comunicacionais, mas sim, e justamente, a impossibilidade de uma comunicação total, no sentido de *totalmente ajustada*.

A imagem do jogo de espelhos, analogia proposta por Vilaça para apresentar o

⁵ Produto do projeto de iniciação científica Povos indígenas e comunicação pelo equívoco: as relações no âmbito das traduções de mundos realizadas por comunicadores indígenas, apoiado pela Fapemig.

⁶ O que significa tornar-se outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia

⁷ A expressão é considerada aqui especialmente a partir do que propõe Viveiros de Castro (2015). É dele a advertência de que “temos a obrigação de levar absolutamente a sério o que dizem (...) os índios e todos os demais povos ‘menores’ do planeta, as minorias extranacionais que ainda resistem à total dissolução pelo liquidificador modernizante do Ocidente” (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p.15)

movimento xamânico de “tornar-se outro”, comunicando pela diferença (ou, pelo equívoco), ajuda a pensar o modo como o jornalismo acessa e faz conversar mundos tão diferentes. Para essa compreensão, realizamos entrevistas com comunicadores indígenas e também com a antropóloga Aparecida Vilaça, em razão de termos nos inspirado em seus escritos para construir a pergunta de referência desta pesquisa: o que significa tornar-se outro? Nesse sentido, a partir de experiências e observações bastante específicas na tradução de mundos, os entrevistados consideraram pontos importantes acerca do modo como entendem a comunicação e o trabalho que realizam.

Aparecida Vilaça (Ep.01) fala sobre o significado de tornar-se outro a partir de sua pesquisa de campo sobre a perspectiva Wari’, povo indígena do sudoeste amazônico, e a viabilidade de traduzir mundos nos processos de comunicação sob a perspectiva xamânica. De acordo com a antropóloga, o jornalismo que pode ser produzido inspirado por essa visada é um jornalismo necessariamente atento a uma possibilidade de parcialidade e de uma pessoa dividida no sentido de localização relacional, visto que é a relação que determina o corpo Wari’ e não somente fatores entendidos por nós como “biológicos”. No entanto, ela também diz que não sabe se somos capazes de exercer esse mesmo movimento xamânico de se tornar de fato o outro, pois esse é um movimento muito próprio da cosmovisão dos Wari’.

Fêtxawewe Tapuya Guajajara (Ep.02) levanta o debate sobre manter a tradição viva e resistir contra o crescimento do setor imobiliário em direção ao Santuário Sagrado dos Pajés no Distrito Federal a partir da vivência em diferentes mundos: os mundos indígena e o mundo não indígena. Ele diz que essa questão de andar entre mundos é uma questão muito complexa e exemplifica usando suas etnias. Como uma pessoa de dupla etnia, Guajajara e Fulni-o, ele explica que esses por si só já são mundos diferentes e, estando no Santuário Sagrado dos Pajés, esse seria um terceiro mundo onde ainda tem contato e a necessidade de lidar com o mundo não indígena. Dessa forma, há constantemente a resistência dos próprios costumes e da própria cultura mantendo o contato com o mundo não indígena.

Maryano Maya (Ep.03) cresceu no contexto urbano do Rio de Janeiro e só se entendeu

como um homem indígena, a partir do momento em que ele se torna outro, levantando a discussão sobre as vivências no espaço urbano que anularam as suas raízes. Maryano fala sobre a ideia de ser um tradutor de mundos. Ele enfatiza a importância da tradução como uma forma de arte e comunicação, falando sobre seu objetivo principal que é criar uma ponte entre pessoas que falam idiomas diferentes para transmitir ideias e perspectivas de maneira compreensível. Ele ressalta que a tradução não é perfeita, uma vez que termos podem ter significados diferentes em contextos culturais distintos, mas acredita que é uma habilidade valiosa. Ele também aborda a importância de ser um intermediador na tradução e como sua influência nesse processo é inevitável.

Xipu Puri (Ep.04) destaca que a produção literária indígena é feita tanto na língua indígena quanto em português, refletindo o bilinguismo presente na cultura, além de manter viva sua cultura e língua. Ele menciona diversas formas de expressão, como contação de histórias, performances e música, que expressam a resistência e preservam a memória histórica. Além disso, Xipu enfatiza que a literatura indígena não apenas registra, mas também cultiva e mantém a cultura viva, além de ser essencial para compreender a própria identidade. Ele acredita que essa literatura contribui para a construção de um futuro para as próximas gerações, projetando uma identidade e uma narrativa indígena no presente.

Natália Tupi (Ep.05) destaca a importância da mídia audiovisual como uma ferramenta de sobrevivência e resistência cultural para as comunidades indígenas. Aciona o simbolismo da câmera como sua "flecha", não apenas no sentido figurado de lançar flechas de informação e conhecimento, mas também como um meio de compartilhar sua cultura, vivências e lutas. O ato de compartilhar cria acesso à cultura indígena e promove o apoio às causas, formando um canal de transmissão de valores e saberes. Natália ressalta a importância de os próprios indígenas produzirem conteúdos audiovisuais para se tornarem narradores de suas próprias histórias, em contraste com a representação estereotipada feita por não indígenas. Ao usar suas câmeras como flechas, os indígenas podem mostrar a diversidade de etnias e traços dentro de suas próprias comunidades.

Palavras-chave

Perspectivismo ameríndio; Comunicação pelo equívoco; Xamanismo; Tradução de mundos;

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, David. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VILAÇA, Aparecida. O que significa tornar-se Outro? Xamanismo e contato interétnico na Amazônia. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 15, n. 44, out. 2000.

VILLAÇA, Aparecida. Paletó e Eu: Memórias do meu pai indígena. Todavia, 2018

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BIRD-DAVID, Nurit. “Animismo” Revisitado: Pessoa, Meio Ambiente e Epistemologia Relacional. Porto Alegre: Debates do NER, ano 19, n. 35, p. 93-171, jan-jul 2019.

DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete S. (Orgs.). Redes ecológicas e comunicativas indígenas: as contribuições dos povos originários à teoria da comunicação. São Paulo: Paulus - Coleção Comunicação, 2017.

GUIMARÃES, Lara L. Jornalistas e xamãs: a performance na cosmologia ameríndia e a invenção de um jornalismo diferenciante. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. Anais [...] Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. Acesso em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/jornalistas-e-xamas-a-performance-na-cosmologia-amerindia-e-a-invencao-de-um-jor?lang=pt-br>

-----; LAIA, Evandro José Medeiros; GUIMARÃES, Lara L. Coisas, mundos, traduções: dobradas para uma comunicação pelo equívoco. pp. 4329-4341, 2014.

------. Povos indígenas e tradução de mundos: a invenção de uma ética (im)possível ao jornalismo. In: 19º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO,

2021, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em:
[/proceedings.science/sbpjor-2021/papers/povos-indigenas-e-traducao-de-mundos--a-invencao-de-uma-etica--im-possivel-ao-jornalismo](#)> Acesso em: 13 Maio. 2022.